ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

GEOGRAFIAS NEGRAS



REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 38 (2023)

ANPEGE 30 ANOS

DOI: 10.5418/ra2023.v19i38.15701

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

TRAJETÓRIAS ESPACIAIS E GEOSSÍMBOLOS DE UMA ROMEIRA QUILOMBOLA: DONA JUSCELINA, MURICILÂNDIA – TOCANTINS

Spatial trajectories and geosymbols of a quilombola pilgrim: Dona Juscelina, Muricilândia, Tocantins

Trajectoires spatiales et géosymboles d'une pèlerin quilombola : Dona Juscelina, Muricilândia – Tocantins

MARCOS ANTONIO PEREIRA NETO
Universidade Federal de Goiás (UFG)

ALEX RATTS
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: O objetivo posto neste trabalho, é apresentar o deslocamento de Lucelina Gomes dos Santos, conhecida como Dona Juscelina e de sua família, do Leste do Maranhão ao Norte do Tocantins, desde a saída do local de origem na década de 1950, até atualmente, como um deslocamento que tem várias motivações. Trataremos dos geossímbolos que sinalizam as vivências espaciais e culturais de Dona Juscelina. Fazemos uso da cartografia, para espacialização das trajetórias e da fotografia para indicar os geossímbolos. Nesta perspectiva, algumas questões levam a considerar a mobilidade como processo fundamental na constituição do território, do quilombo e da sua continuidade, principalmente no aspecto cultural.

Palavras-chave: Trajetórias Socioespaciais, Geossímbolos, Cultura, Deslocamentos.

Abstract: The objective of this work is to present the displacement of Lucelina Gomes dos Santos, known as *Dona Juscelina* and her family, from the East of *Maranhão* to the North of *Tocantins*, from the time she left her place of origin in the 1950s until today, as a displacement that has various motivations. We will deal with the geosymbols that signal the spatial and cultural experiences of *Dona Juscelina*. We use cartography to spatialize trajectories and photography to indicate geosymbols. In this perspective, some questions lead to considering mobility as a fundamental process in the constitution of the territory, the *quilombo* and its continuity, mainly in the cultural aspect.

Keywords: Socio-spatial trajectories, Geosymbols, Culture, Displacements.

Résumé: L'objectif de ce travail est de présenter le déplacement de Lucelina Gomes dos Santos, connue sous le nom de *Dona Juscelina* et de sa famille, de l'Est du *Maranhão* au Nord du *Tocantins*, depuis le départ du lieu d'origine dans les années 1950 jusqu'à aujourd'hui, comme un déplacement qui a plusieurs motivations. Nous traiterons des géosymboles qui signalent les expériences spatiales et culturelles de *Dona Juscelina*. Nous utilisons la cartographie pour spatialiser les trajectoires et la photographie pour indiquer les géosymboles. Dans cette perspective, certaines questions conduisent à considérer la mobilité comme un processus fondamental dans la constitution du territoire, le *quilombo* et sa continuité, principalement dans l'aspect culturel.

Mots-clés: Trajectoires socio-spatiales, Geosymboles, Culture, Déplacements.

INTRODUÇÃO:
Uma trajetória quilombola romeira

Este trabalho, é fruto de duas pesquisas sobre trajetórias socioespaciais de quilombolas e que se encontram. Uma foi realizada no norte do Ceará e é retomada contemporaneamente (Ratts, 2020); e a outra, com a trajetória de quilombolas da comunidade Dona Juscelina, concluída em nível de mestrado (Pereira Neto, 2021) e, continua como estudo de doutorado com o mesmo segmento em várias localidades do Norte do Tocantins. O objetivo posto neste trabalho, é apresentar o deslocamento de Lucelina Gomes dos Santos, conhecida como Dona Juscelina, e de sua família Gomes dos Santos

em direção à Muricilândia, Norte do Tocantins, tendo como principal personagem Dona Juscelina, desde a saída do Maranhão ainda na década de 1950 até atualmente, como um deslocamento que tem várias motivações: a migração para terras férteis, base de uma busca camponesa, animada pela devoção.

Muito respeitada e tendo um reconhecimento por seu trabalho – como líder quilombola, religiosa ou de parteira – em 24 de fevereiro de 2021, o Conselho Universitário (Consuni) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), concedeu à Lucelina Gomes dos Santos, Dona Juscelina, o título de *Doutora Honoris Causa*, mostrando a importância de uma mulher negra quilombola nordestina/nortista, de uma cidade com menos de cinco mil habitantes a receber um título e, sendo elevada à doutora Honoris Causa colocando-a próximos de grandes personalidades históricas.

Diante dos objetivos, o estudo na comunidade Dona Juscelina teve como etapas metodológicas levantamento bibliográfico, trabalho de campo, entrevistas com moradores/as e lideranças da comunidade, incluindo Dona Juscelina, realização de fotografias e elaboração cartográfica das trajetórias a partir das narrativas obtidas nas conversas com a comunidade.

Um dos pesquisadores, esteve algumas vezes na comunidade onde pôde realizar um contato inicial com a associação quilombola e algumas pessoas. Diante do cenário pandêmico[1] e, a recomendação para o isolamento social o trabalho de campo tornou-se impossibilitado até o final da pesquisa. Utilizamos de vídeos e *lives*[2] das redes sociais com interlocutores da comunidade como forma de possibilitar a continuidade da pesquisa. Com a disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), pesquisas em diversas áreas do conhecimento atentaram-se no que diz respeito à captação e produção de informações na área das tecnologias digitais.

O artigo está estruturado em dois itens, onde no primeiro denominado “Percurso de Dona Juscelina: expressões culturais e geossímbolos”, trazemos a narrativa juntamente com os geossíbolos de acordo com Bonnemaison (2002), e sua cultura católica popular. No segundo item, “Dona Juscelina: trajetórias e lugares”, buscamos espacializar a trajetória socioespacial de Dona Juscelina, os lugares de vivências, por onde ela passou no deslocamento do Maranhão para o antigo Goiás, atual Tocantins. Realizamos, uma cartografia da trajetória de deslocamento do maranhão ao Tocantins, e seus deslocamentos em romaria, os locais de devoção.

---

1 No início do ano de 2020 se disseminou pelo mundo um vírus do grupo Coronavírus (Sars-Cov-2) que causa síndrome respiratória aguda grave do Coronavírus 2, também conhecida como Covid-19. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia e determinou isolamento social em todo o planeta. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em junho de 2020.

2 Lives são gravações de imagem e som transmitidas em tempo real pela internet, as lives se tornaram bastantes comuns no período de pandemia de Covid-19.

PERCURSO DE DONA JUSCELINA: expressões culturais e geossímbolos

Mulher, negra, benzedeira, rezadeira, parteira, mãe, avó e bisavó, quebradeira de coco, liderança quilombola, trabalhadora rural, Lucelina Gomes dos Santos, Dona Juscelina, são as várias identificações da *persona* em foco. Dona Juscelina, uma mulher negra, nasceu aos 24 de outubro de 1930, em Nova Iorque no interior do Centro-Leste do Maranhão onde viveu até 1951, iniciando um percurso promissor. É uma mulher que trouxe consigo uma trama de caminhos, lugares, e saberes. As trajetórias socioespaciais (Cirqueira, 2010; Santos;Ratts 2015) marcam a história de vida das pessoas, elas estão na base da concepção de lugares, territórios e afetos, construído no decorrer dos anos.

A trajetória de Dona Juscelina é a representação de resistência, vivências, sinalizados por geossímbolos. Há pesquisas recentes, realizadas com a comunidade, como a de Izarete Oliveira sobre os "Territórios e as Territorialidades nos Limites do Rural e Urbano" (2018), a de Katiane da Silva Santos sobre os aspectos culturais da "Festa do 13 de Maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina" (2018); e a de Elaine da Silva Sousa sobre os protagonismos femininos e territorialidades na comunidade (2021). A trajetória anterior de Dona Juscelina e de outras pessoas que a antecederam ou a acompanharam se situa no universo da memória. Utilizamos alguns estudos de migrações que incidem sobre a área.

Dona Juscelina viveu em sua cidade natal até os 22 anos de idade, na sua memória desde os sete anos de idade brincava a Festa do Treze de Maio. A festa era realizada pelo seu tio Claro Preto do Saco, o qual passava seus conhecimentos acerca do período da escravidão para os mais jovens, mas escolheu Dona Juscelina para se encarregar da missão de manter vivo o legado da festa.

Em 1952, ela e sua família se mudam para o município vizinho, Pastos Bons, no qual viveu por três anos e, se casou com o senhor Cristino Lopes, vivendo juntos por quase sessenta anos. Em Pastos Bons, com a ajuda de seu marido ela, chega a realizar a festa do Treze de Maio, porém ainda não se considerava capacitada para comandar tal evento.

O centro-leste maranhense, onde situam-se as cidades de Pastos bons e Nova Iorque às margens do rio Parnaíba tinha na década de 1950, características econômicas baseadas em agropecuária e extração vegetal, como amêndoa de babaçu e cera de carnaúba (IBGE, 1958). Nas duas cidades explanadas na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1958), não é relatada a questão escravocrata, diferentemente, das falas de Dona Juscelina, que afirmava que em Nova Iorque havia uma "fazenda escravocrata", em que sua avó e seu tio Claro Preto do Saco haviam trabalhado. Na atualidade, no mapa da *Distribuição espacial da população segundo cor e raça* (IBGE, 2010), os dois municípios estão inseridos numa área maranhense de população negra (somatório de pretos e pardos) acima de 75%, onde há dois quilombos recentemente identificados pela Fundação Cultural Palmares: Jacu e Cascavel. Um estudo acerca da dança do

Lindô (Lima Filho; Cardoso; Pacheco, 2011), a situa entre o Leste e o Sul Maranhense, caracterizando como uma expressão afro-brasileira com possíveis conexões ibéricas.

Em 1956 a família de Dona Juscelina, por intenção de seu pai, se muda para o Norte do então estado de Goiás, na cidade de Cristalândia:

> [...] meu pai, que veio pro Goiás. Nós saímos dia 01 de julho de 56 [1956]. Aí fizemos essa viagem e fumo chegar no dia 07 de setembro em Cristalândia. Apesar que nós era de a pé, e viajemos dois mês e sete dia. Mas pra mim foi uma beleza, quando nós cheguemos em Cristalândia. Eu: pai já está passando de hora de ir buscar os animais! Minha fia, já cheguemos! Nós vinha por dentro pela linha do fio, aqui e acolá nós saía da linha. Toda vida de a pé! Só quem vinha montado era a mamãe, era doente de uma perna…e os menino de três anos pra baixo. Tudo era correndo, os de cinco ano nós botava no meio da carga. Mas as cargas era tudo cheia, de tanta verdura que a gente passou no sítio. Nós nunca sentimo a viagem! (Exalta a voz) Nós nunca tinha feito uma viagem, mas nós num sentimo. Porque intestia só nas fruitas. O certo que cheguei pra cá, cheguei em Cristalândia, eu nunca pratiquei o meu trabalho! [Festa do 13 de Maio], cidade de garimpo, muita morte! [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

Na fala de Dona Juscelina, a caminhada é muito longa no deslocamento do leste do Maranhão para o antigo norte de Goiás, pois, afinal, são mais de 950 km de distância. Não temos informações sobre a indicação para a família se mudar para estas terras, nem o que procuravam, sendo que ,não possuíam terras e viviam sempre na cidade. A caminhada a pé para trabalhadores, era muito comum no período em que a família de Dona Juscelina migrava, e grande parte dos migrantes do norte de Goiás eram/são maranhenses, como destaca Sader:

> Eu poderia dizer que o início da luta está na origem mesma desses camponeses. A maioria é maranhense vinda de outras regiões, e há um número considerável que teve o Maranhão como etapa migratória, antes de chegar no Bico do Papagaio. Outros vieram diretamente do Ceará e bem poucos são goianos. A área de origem, bem como o trajeto percorrido, é de grande importância nas formas que adquire a luta pela terra. (SADER, 1986, p. 96)

As migrações interestaduais nos anos 1950 e 1960 se davam dos estados do Nordeste e de Minas Gerais, a rota Maranhão – Norte do antigo Goiás, ainda não constituía um grande movimento, que recrudesceria nas décadas seguintes quando, numa determinada abordagem são tratados como posseiros na fronteira agrícola. (IPEA/INPES, 1988).

> [De 1950 a 1980] diversos estudos avaliam as causas e consequências econômicas e sociais desses movimentos, parecendo haver certo consenso de que parte decorre de um processo de modernização da sociedade e mobilidade social da população e, parte expressiva se condiciona a fatores econômicos tais como desequilíbrios regionais, propriedade da terra, etc. (IPEA/INPES, 1988, p. 04).

O mesmo estudo indica que, Goiás foi a segunda Unidade da Federação da região Centro-Oeste com maior saldo migratório, rememorando que a capital do país fora inaugurada em 1960.

No narrar, Dona Juscelina ainda destaca com detalhes o processo do longo e árduo deslocamento. Mesmo com os dois meses e sete dias de viagem, ela afirma não terem "sentido a viagem", o que consideramos uma demonstração da necessidade e da vontade de migrar. No percurso do estado do Maranhão para o Tocantins, Dona Juscelina, seu esposo, juntamente com seu pai, mãe, irmãos, sobrinhos, filhas, cunhados e outros parentes, trouxeram consigo as afetividades e as vivências culturais e espaciais de sua terra. Ela também trazia o legado da festa passado pelo seu tio. Porém, em Cristalândia ela não se sente motivada em realizá-la, como supracitado e aqui enfatizado:

> [...] Cristalândia, cidade era de garimpo, lá eu nunca fiz um festejo, porque eu achava muito desconveniente, e lá era uma cidade, mas era garimpo e todo dia morria gente, aquilo não me interessei [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

Dona Juscelina não se sente, ali naquele momento e naquele espaço territorializada; e não emana uma afetividade com lugares, sujeitos e territórios deixando-a desconfortável a realizar sua manifestação cultural. Para o geógrafo Bonnemaison (2002) a territorialidade é construída pelo grupo e, ela é uma relação cultural entre esse grupo, os lugares e os deslocamentos que compõem as trajetórias. Essa territorialidade só vai ser demonstrada por Dona Juscelina em Muricilândia, em 1968, cerca de seis anos depois de sua chegada.

> De fato, a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território. (Bonnemaison, 2002, p. 285-286)

Em 1959, quando Dona Juscelina morava em Cristalândia, ela resolve visitar sua irmã, que morava na época em Muricilândia, e cria gosto pelo local. Ao retornar para Cristalândia, Dona Juscelina expressa à sua família interesse de mudar-se para Muricilândia. Após insistência, conseguiu convencer seu pai, o ancião da família e todos se mudam para as margens do rio Muricizal.

> Aqui era mata quando eu cheguei. Aí toda a vida eu fui interesseira pra ter as coisas, sem ser mandada por ninguém, aí o certo é que eu fui e voltei lá [voltou para Cristalândia cidade onde estava residindo com a família e disse]: –Papai, pra você saber eu me engracei demais, é uma mata, mas eu queria que nós mudasse pra lá. [O Pai]: –Minha fia eu criei vocês foi dentro de cidade, eu não tenho costume de interior. Eu fui levando o véi até que chegou o dia dele dizer: –Minha fia você quer ir? Eu vou! O certo é que eu entrei praquí no dia 02 de outubro de 62 [1962], isso aqui era mataria, eram contadas as casinhas, até a igreja da padroeira era de palha [...]. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)

Voltando a Bonnemaison, o autor afirma que "o geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma expressão, que por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas, ou grupos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade" (2002, p. 292). Para adentrar mais ainda nessa conceituação, Bonnemaison acrescenta que esta pode agregar "(...) uma estrada, uma construção, um sítio" (Bonnemaison, 1992, p. 5 – tradução livre).

A partir das narrativas orais, sobretudo de Dona Juscelina, mas não somente, delineia-se uma trama de lugares, um itinerário maior – Maranhão / Goiás –, ou mais delimitado – Leste do Maranhão / Norte do Tocantins – pertencente aos deslocamentos de muitos migrantes ou mais restrito ainda – Nova Iorque-Pastos Bons (área negra com festejos afro-brasileiros) / Muricilândia (comunidade negra receptiva aos festejos afro-brasileiros).

Dona Juscelina parece então ter então encontrado seu lugar, parece estar territorializada. Ali, ela se sente familiarizada com o território e com as pessoas e se senti, diferentemente de Cristalândia (TO), apta a realizar sua Festa do 13 de Maio. Para o geógrafo francês Eric Dardel (1952), a relação do homem com a terra, é sempre em busca de um lugar, um lugar que é lar, um lugar do qual possamos existir, identitária e culturalmente, a partir dele:

> É desse "lugar", base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos para trabalhá-lo. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que "lar", o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade. [...]. Antes de toda escolha existe esse "lugar" que não pudemos escolher, onde ocorre a "fundação" de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. (Dardel, 2015 [1952], p. 40-41, grifos do autor)

Concordando com o autor, fazemos uma ressalva: nas classes populares e subalternizadas por processos de colonização, exploração capitalista, é uma saga de uma vida inteira buscar e conquistar o lugar – Muricilândia –, que, por sua vez, pode ser perdido ou alterado.

A carga cultural e geossimbólica estava em Dona Juscelina. Ao chegar em Muricilândia em 1962, ela se alia ao senhor João Paulino, idealizador e fundador do povoado. Começa, então, sua luta política por melhorias do lugar, mas também, começa a pôr em prática sua cultura maranhense e católica. Então, ela começa a praticar três festas: a Festa de Santos Reis, Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do 13 de Maio, herança cultural afro-brasileira passada por seu tio.

> [...] Aqui tudo que tem é a Lucelina que botava. Eu festejo o Divino Espírito Santo, eu festejo os Santo Reis, andando nas casas visitando com o meu santo. Sou ROMEIRA do Padre Cícero, Sou ROMEIRA do Divino Pai Eterno, tudo isso eu já fui a romaria deles. (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 95, Grifos da autora)

A chegada de Dona Juscelina ao povoado de Muricilândia, mudou o ritmo da localidade, agora as pessoas não somente rezavam, elas passaram a celebrar as festas e a rezar. Essas festas podem ser expressas como características culturais, que espacializadas em lugares onde o grupo se territorializa e fazem parte do espaço-símbolo (Bonnemaison, 2002).

Santos (2018), que estudou as festividades da comunidade quilombola expressa seu entendimento da festa como atividade cultural e identitária da comunidade: “As Festas são práticas que neste caso também a entendemos como ritos, e que são de grande expressividade da cultura negra, solidificando a construção de uma identidade afro” (p. 95). Dona Juscelina, se coloca como uma organizadora das festividades religiosas locais:

> *Mas a Lucelina chegou, nesse tempo era nova, eu enfrentava festa, eu fazia festa, tomava conta das enfrentantes do festejo, botava barraca. (Dona Juscelina, entrevista cedida em março de 2020)*

A Festa de Santo Reis, ou reisada, é uma festividade que acontece no período noturno, Dona Juscelina participa da festividade de origem católica desde Nova Iorque (MA) e, trouxe com ela esse arcabouço cultural, católico popular para Muricilândia (TO). Todos os anos, Dona Juscelina pratica a reisada, devido a uma promessa que fez na década de 1960 pela saúde de sua irmã. (Santos, 2018).

> [...] Lá da minha terra mesmo eu assistia no Maranhão [...] eu pedia a papai, desde mocinha mesmo e quando andava cantando aquele pessoal cantando, aí chegava alta noite, de madrugada, chegava lá e nóis ia receber, eu pedia a papai que ele deixasse eu acompanhar [...]. (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 96)

Em virtude da idade já avançada de Dona Juscelina e de alguns festeiros de Santo Reis, hoje a festa fica mais reservada às rezas. Dona Juscelina lamenta a ausência de uma festividade mais alegre, como as que ocorriam anteriormente, ela também lamenta o fato de a comunidade não seguir o ritual que fazia, de certa parte, da cultura local:

> [...] Hoje em dia tá tudo diferente, eu não boto um Careta nem numa reisada eu não boto um Careta [...] De primeiro, só cantava reis depois que todo mundo tava deitado [durante a madrugada], pra cantar e levantar [e acompanhavam o grupo], mas hoje a gente vai cantar cedo, aí é obrigado mandar entrar pra dentro e fechar a porta [...] Hoje já tem só vaidade, é sem-vergonhice demais [...]. (Dona Juscelina, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 96)

Pelas fontes orais, não é possível saber quando e porque se deu essa alteração. Como se verá adiante, pode ser resultado de uma urbanização parcial da comunidade que também está correlacionada à alegada perda de terras.

A festividade, é realizada com a novena desde a noite de Natal até o dia 6 de janeiro – que na tradição cristã é o dia dos Três Reis Magos[3]. Nas noites dos três dias que antecedem ao dia de Reis ocorre as visitas, “Os romeiros celebraram nos últimos três dias, véspera do dia de Reis, a visitação nas casas, surpreendendo os residentes. Ao cair da noite e com estouros de foguetes, o grupo de celebrantes põem-se as portas da vizinhança [...]” (Santos, 2018, p. 97). Após o período das visitas, todos se reúnem na casa de Dona Juscelina, onde rezam durante toda noite de Reis.

3 O Reisado chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses celebrando o nascimento do Menino Jesus. No Brasil é uma espécie de cataclismo popular. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=217&Itemid=1. Acesso em: outubro de 2020.

A Festa do Divino Espírito Santo, no catolicismo, é realizada no domingo de Pentecostes, o qual ocorre cinquenta dias após o domingo de Páscoa. No quilombo Dona Juscelina, a tradição da festa foi idealizada por dona Juscelina e até hoje é mantida pela comunidade.

Na pesquisa realizada por Santos (2018), a autora observou que nesta festividade os romeiros rezam no decorrer da noite até o raiar do dia, durante três dias. No ano de 2018, a festividade aconteceu na sede da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (ACQDJ) e contou com a presença de romeiros e quilombolas de Aragominas, rezando e cantando por toda a noite até o último dia que é o dia de Pentecostes (Santos, 2018).

Durante as três noites de festividade o grupo de romeiros se reúne e saem pelas ruas parando nas casas ao som de instrumentos como a caixa e rabeca, os moradores abrem as portas e pedem a passagem da bandeira do Divino Espírito Santo e de seus símbolos, o ritual é descrito por Santos (2018):

> [...] uma caixa com enfeites contendo uma pomba simbólica e a Bandeira do Divino (de tecido na cor vermelha, no centro há a figura de uma pomba com uma planta no bico, na haste que a sustenta fitas de diferentes cores). No interior das casas cantam e passeiam com a bandeira esperando por bênçãos (p. 100).

A festa do Divino Espírito Santo ocorre em alguns estados brasileiros como o Tocantins, Maranhão, Goiás, Minas Gerais e São Paulo (Brandão, 1981). Têm em comum o uso da bandeira do Divino Espírito Santo, o qual o Carlos Rodrigues Brandão salienta que: “A cruz nesse movimento representa a igreja institucional territorializada, e a bandeira é um símbolo móvel apropriado pelo catolicismo popular”. (Brandão, 1981, p. 26).

Após as visitas, o grupo reza durante toda a noite como penitência, contando com a presença dos romeiros e de pessoas religiosas e confraternizam com um banquete. No altar da casa de Dona Juscelina, do lado direito se pode observar a bandeira utilizada na festa do Divino e acima as caixas que são tocados durante as visitas das casas.

A Figura 1, mostra o altar na casa, este, repleto de imagens e quadros nas paredes, representações de santos e santas católicas, objetos simbólicos nos locais práticas religiosas. Destacam-se as imagens do Padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Desatadora de Nós, a imagem de Santo Expedito na parede, o próprio Jesus e a Virgem Maria Santíssima entre outros. Essas imagens, símbolos do catolicismo revelam uma espacialidade sagrada, que se configura na apropriação individual do símbolo para cada um dos quilombolas, cada um é gerado e gerador de afetividades diferenciadas com esse espaço.

Figura 1 – Altar da Dona Juscelina, Bandeira do Divino e caixas



Fonte: Oliveira, 2018.

A construção do altar como um geossímbolo na casa da Dona Juscelina sacraliza esse espaço, usado nas rezas e nas festividades do Divino Pai Eterno, Santo Reis e no 13 de Maio. José Paulo Teixeira (2009), que estudou os símbolos em Terreiros do Candomblé em Goiânia – Goiás, comenta que "É neles e por eles que os membros da comunidade religiosa assumem uma relação simbólica, ao qual vai lhes assegurar ainda mais uma identidade cultural e territorial [...]" (p. 116).

Carlos Eduardo Machado (2012) em seu estudo sobre o uso dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa aponta que a prática dos altares e imagens de santos faz parte de uma experiência religiosa para além da igreja. Ele ainda afirma que no Brasil essa cultura iniciou-se ainda no período colonial com as famílias mais pobres que não frequentavam as igrejas com as famílias da alta classe (MACHADO, 2012).

Silveli Russo, em sua pesquisa sobre espaços domésticos, devoção e arte, destaca que, no Brasil como Novo Mundo, o catolicismo foi incorporado de forma muito particular, principalmente em relação ao uso das imagens religiosas:

> Neste corpus, é possível encontrar um diversificado repertório de imagens com temas correspondentes à iconografia católica, evidenciando a política de evangelização portuguesa que causou uma relevante repercussão no Novo Mundo após Trento. Vislumbra-se a Virgem, e o próprio Cristo, como as personagens sagradas mais invocadas, a suscitar, por certo, interpretações várias, geradas pelo contato dos fiéis com as imagens devotas, estimulando, por certo, a criação de laços de identidade e confiança, e ainda, rompendo barreiras e estimulando o diálogo em primeira pessoa com a divindade. (RUSSO, 2010, p. 397-398)

O altar e as representações dos santos e santas de Dona Juscelina são a expressão do catolicismo popular, um altar em casa é a forma da Igreja Católica expandir seu alcance para locais inclusive sem um pároco. Como considera Santana (2001), a imagem foi empregada pela igreja como recurso para a devoção, em especial para a devoção popular.

Dona Juscelina se destaca então, como uma mulher que luta politicamente, mas que também busca em sua fé acalanto, uma fé de característica popular muito forte, devota de vários santos e santas, que viveu as romarias do Divino no estado de Goiás e a de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará.

> [...] eu sou romeira, eu nasci romeira e sou romeira e sou devota. Devota de todos os santos, devota do padre Cícero do Juazeiro, devota do meu Pai Eterno na Trindade e devota do Espírito Santo e de todos os santos. (Dona Juscelina, live da Semana da Terra Padre Josimo – CPT, 08 de maio de 2020)

A festa do dia 13 de Maio, em que ela os quilombolas de Muricilândia, rememoram a assinatura da Lei Áurea, é um dos principais marcos festivos culturais do quilombo. Iniciada por Dona Juscelina em 1968, a festa ocorre praticamente todos os anos, com algumas pequenas exceções, como a morte de sua filha que interrompeu o ritual por alguns anos, na década de 1980 (Santos, 2018); e nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia do vírus que causa a Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2).

Dona Juscelina, trouxe a festa de sua cidade no Maranhão, passada pelo seu tio, o senhor Claro Preto do Saco. A sua família viveu em uma fazenda de passado escravista, no século XIX, de propriedade do Coronel Santana, o qual, segundo ela, mantinha uma relação amigável com seus escravos. Com a notícia da abolição em 1888, o coronel ofereceu donativos para uma comemoração, o qual deixou os negros que ali estavam com um sentimento de apoio no direito de liberdade, assim nasce a Festa do 13 de Maio. (Santos, 2018).

Sua realização, é composta por três momentos, inicia-se com a alvorada, que representa a anunciação da libertação, que acontece às quatro horas da madrugada, posteriormente se inicia a organização e a realização do Teatro da Abolição, que é realizado a céu aberto às quinze horas, e por fim, no pôr do sol, ocorre o cortejo onde todos andam pelas ruas de Muricilândia cantando e festejando (Oliveira, 2018).

Dona Juscelina se mostra uma mulher guerreira, buscando sempre manter os aspectos culturais herdados e (re)produzidos ao longo dos seus noventa anos de idade. Os lugares pelos quais ela passou, a suas vivências, com pessoas, lugares e/ou objetos geossimbólicos que fazem parte da cultura. No próximo item, traremos as trajetórias dos lugares por quais, Dona Juscelina passou durante sua trajetória, as tramas dos espaços vivenciados durante sua história.

DONA JUSCELINA: TRAJETÓRIAS E LUGARES

O lugar, o território e as afetividades remetem as experiências dos indivíduos com os espaços vivenciados, realçando as geograficidades, ou seja, que antes de qualquer conceituação esses grupos são “seres espaciais em sua essência, e que viver é produzir/experienciar o espaço”. (SERPA, 2019 p. 61). Esses espaços vivenciados, são os lugares por onde os interlocutores passaram durante sua vida, como a trajetória até a

chegada em Muricilândia, uma espacialidade marcada de relações afetivas com os lugares, experienciadas no espaço e no tempo.

Para o geógrafo Diogo Marçal Cirqueira (2010), as trajetórias socioespaciais podem ser consideradas como "[...] um 'percurso' que o indivíduo perfaz durante sua vida, em que há uma relação mútua entre indivíduo e coletividade [...]" (p 42). Para tanto, entendo a vida de cada indivíduo como um percurso, um caminho, uma trajetória, que são dotados de significados com os lugares, e que contém uma sucessão de acontecimentos, esses percursos sobre o espaço são suas trajetórias socioespaciais.

> [...] a trajetória de uma vida também é conformada pelo espaço. Isso pressupõe que os indivíduos perpassem por um repertório de lugares no decorrer de suas vidas, os quais, como dito anteriormente, são experienciados, significados e interpretados. O espaço, em uma relação de reciprocidade, influencia os indivíduos (Cirqueira, 2010, p. 43).

Para Furtado (2011), no seu estudo com estudantes quilombolas, as trajetórias socioespaciais, enquanto uma categoria de análise que está sendo construída, permite uma (re)formulação da dimensão da história espacial das vivências dos sujeitos. Para ele: "Podem ser apresentadas no conteúdo dos cursos de vida, numa perspectiva que ultrapassa o limite da biografia, chegando a contemplar lugares, e experiências nos quais os sujeitos constroem suas vidas." (p. 82). É necessário, compreendermos as trajetórias socioespaciais como algo além de uma mobilidade espacial, que é moldada pelos aspectos históricos e socioespaciais. (Santos, 2016). Santos e Ratts (2015) em um estudo sobre "Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico" comentam que:

> Por trajetória espacial (ou socioespacial) entendemos os deslocamentos de um indivíduo ou coletividade entre locais distintos entre espaços – de residência, de estudo, de trabalho ou lazer, entre bairros, cidades, regiões, países – que fazem a diferença na sua situação social, pois não se resumem a um deslocamento geométrico. (Santos; Ratts, 2015, p. 646-647)

Esses espaços são apresentados de forma experiencial e esses sujeitos se relacionam com eles de distintas formas, considerando-se as condições de espaço-tempo, os lugares são onde "cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco" (Relph, 2014, p. 31).

Dona Juscelina é uma pessoa que em toda sua história que é repassada oralmente, demonstra uma relação muito próximo com as pessoas e com os lugares por onde ela passou, e principalmente em Muricilândia, onde ela chegou a há quase 60 anos. Ratts (2020) em seu texto "Uma geo-grafia de estudos e pesquisas com as diferenças étnicas, raciais e territoriais" descreve com muita emoção os sentimentos gerados no encontro com Dona Juscelina:

> Estando ela preparada para me receber, necessitei ver, ouvir e, também, silenciar diante dessa pessoa-lugar, pessoa-saber/fazer/poder - gerada e geradora em outras pessoas-lugares, pessoas-saberes/fazeres/poderes, a exemplo das/os griôs e das lideranças. Foi diante de suas narrativas, benditos, explicações, gracejos e olhares, imagens de santo e papéis, caixas e bandeiras (da Festa do Divino e da Folia de Reis), algo para beber e comer, silêncios e movimentos que fui refazendo o

> mapa que liga o Norte desta parte do país, ao qual as elites deram os nomes de Goiás, Tocantins e Maranhão, uma antiga rota da capitania do Grão-Pará com a África [...]. (Ratts, 2020, p. 223)

Dona Juscelina, também é retratada por outros pesquisadores, como exemplo, a Geógrafa e Professora Izarete Oliveira, mestra em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins, que estudou os "Território e as Territorialidades nos Limites do Rural e Urbano na comunidade em Muricilândia":

> O nome da matriarca é Lucelina Gomes dos Santos, tendo como nome social, Dona Juscelina. Ressalta-se que a comunidade recebeu tal definição por sua ancestralidade. Nascida em 24/10/1930, na cidade de Nova Iorque no Maranhão. Como neta de uma cativa, é griô, benzedeira, devota e romeira de Padre Cícero e do Divino Espírito Santo. Estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental, tendo como profissão lavradora e parteira, exercendo esta última profissão por 25 anos. A matriarca afirma ter realizado 583 partos no decorrer de sua profissão. [...]. Recebeu da Câmara Municipal de Muricilândia a concessão do Título de Cidadão Muricilandense no ano de 2012 pelos relevantes serviços prestados à Cidade de Muricilândia, resgatando e incentivando a cultura e os direitos da comunidade quilombola [...]. Ganhadora do Prêmio Boas Práticas em Direitos Humanos - Categoria VIII - Igualdade Racial, realizado pela Secretaria de Cidadania e Justiça - Seciju do Estado do Tocantins no ano de 2016. Seciju publica o resultado do Prêmio Boas Práticas em Direitos Humanos. (Oliveira, 2018, p. 22-23)

"Griô" na tradição africana são grupos que por meio da música, poesia e da história transmite os acontecimentos passados, e que no Brasil foi adaptado as pessoas mais velhas que contam a história e repassa aos mais jovens (HAMPATÉ BA, 2010). Ela também é referida por diferentes aspectos pelos quilombolas de sua comunidade, mulheres e homens mais velhas(os), e pessoas mais jovens que fazem parte do conselho de juventude da comunidade. Como a griô quilombola Dona Cícera, doutora das ervas medicinais, que conhece muito bem a Dona Juscelina desde sua chegada a Muricilândia:

> [...] Eu acho ela uma pessoa guerreira, uma pessoa disponível, ela chegou aqui em Muricilândia ela não teve negócio de se intimidar, ela arregaçou as mangas e trabalhou, ajudou em tudo, principalmente nos partos, aquela mulher tem trabalhado viu. Deus tem segurado ela com muito amor, eu acho que é por causa disso, assim, porque ela fez muita caridade. Ela vivia mais o esposo dela muito bem, ninguém não via eles brigando [...]. (Cícera Vieira de Almeida, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 88)

A fala da quilombola Maria Bartolomeu, também expressa esse sentimento de respeito e admiração que a comunidade tem por Dona Juscelina. Dona Maria Bartolomeu relata, a importância de Dona Juscelina para a manutenção cultural da comunidade e, seu papel como parteira nos tempos remotos:

> [...] Ela é uma guerreira, realmente eu conheço Dona Juscelina desde 75 [1975], até hoje eu vejo assim, ela é forte, ela é de rocha como o pessoal diz por aí. Porque assim, do jeito que ela tem aquela idade, ela nunca deixou a Festa morrer e teve tempo, teve uns anos aí, dois anos anteriores que quase que morria, ficou parado, deu uma parada no geral, nem Festa teve, mas ela continua insistindo [...] parece que foi em 2010 e 2011, deu uma esfriada [...] Teve essa pausa [...] Aí depois tornamos [...] Então a Juscelina, é uma pessoa assim que se fosse

> caso de fazer um busto, fazer um memorial podia fazer porque ela merece [...] A memória dela não vai morrer não, ela vai sair daqui mas vai ficar a marca, Dona Juscelina matriarca do quilombo. Ela foi já antes de ser matriarca, recebeu esse título depois né, mas ela já trabalhava para as pessoas, interagindo, ela era parteira [...] Acho que as mulheres aqui quase tudo já passou pela mão dela, é uma forma de estar fazendo algo pela sociedade [...] Ela é uma pessoa maravilhosa, a gente se chama de comadre porque ela foi minha parteira, a minha filha foi ela que trouxe ao mundo, não fui em hospital. Eu tenho vivo assim que é como se fosse uma mãe né, porque quem faz isso faz uma coisa muito importante na vida de uma mulher, porque quem já teve filho sabe o tanto que é difícil essa situação, então ela já fez isso por mim. Eu considero ela como amiga [...] É uma pessoa doce, ela é uma guerreira, não tenho muitas palavras [...] Uma pessoa forte, uma pessoa que tem muita vontade de viver, vontade de ver as coisas melhorarem continuar nos eixos, nos trilhos, a preocupação maior dela é não deixar morrer [...]. (Maria Bartolomeu N. Alencar, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 87-88)

A quilombola Rosa Mirtes, a primeira professora de Muricilândia, retrata o respeito e admiração pela forma como Dona Juscelina enfrenta as festividades na comunidade:

> [...] Uma pessoa que a gente tem muito respeito por ela, que ela que enfrenta assim esse 13 de Maio, Reis e Divino [...] ela é uma pessoa boa, mas é meio agitada, sem paciência [...]. (Rosa Mirtes Pereira de Sousa, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 88)

O quilombola Francisco de Paula, retrata a resistência e a representatividade de Dona Juscelina no quilombo na manutenção da festa, promessa que ela fez a seu tio:

> [...] Imaginar que uma mulher semianalfabeta porque ela ler e escreve, e ter dado conta de carregar essa cultura em cima de uma promessa que ela fez para os pais dela e para o tio dela, é claro de que enquanto ela estivesse viva não ia deixar acabar essa tradição, eu a defino como naquele contexto e até quando ela estiver entre nós é a pessoa mais indicada para representar o quilombo [...]. (Francisco de Paula Pereira de Sousa, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 87)

O quilombola Manoel Filho Borges, professor de história da rede estadual de ensino do Tocantins, aponta que, a chegada de Dona Juscelina em Muricilândia causou um marco, a vinda dela juntamente com a festividade é considerada o início da construção da identidade quilombola:

> [...] Eu posso contar Muricilândia, e fazer um recorte temporal em duas fatias, antes da Juscelina e depois da Juscelina, antes da Juscelina se trabalhava e rezava e muita reza, muita penitência. Quando a Juscelina vem, ela rompe isso aí, apesar dela também ser religiosa, mas ela agrega um outro fator que é a dança [...] No meu ponto de ver a Festa 13 de Maio foi um divisor de águas né, e que marcou o início dessa construção de identidade. Muricilândia não tem uma identidade construída a partir dos fundadores, a identidade de Muricilândia está sendo construída a partir da intervenção da Dona Juscelina [...]. (Manoel Filho Borges, entrevista cedida em dezembro de 2020)

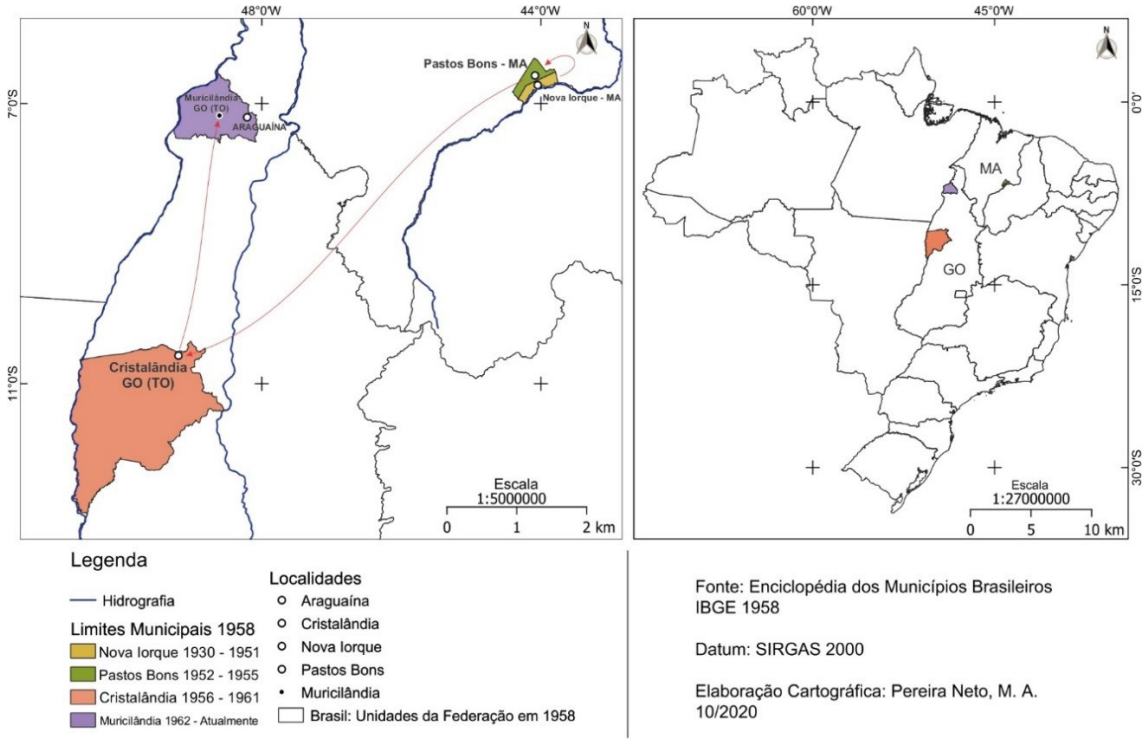
O quilombola e acadêmico Sallomão, retrata o respeito e admiração por Dona Juscelina, como uma mulher que luta e lutou por direitos para os quilombolas:

> [...] Pra mim é um símbolo de resistência né, e de orgulho pra todos nós que somos da comunidade de Muricilândia, ela é um símbolo que a gente tenta se espelhar e respeita e até deve uma certa servidão a ela, porque a partir dela tantos outros quilombolas conseguiram muitos recursos, principalmente pra gente que somos acadêmicos e tudo mais, é a partir do quilombo, a gente teve vários benefícios aqui dentro da universidade. Então pra mim principalmente, ela é um símbolo de resistência, e ela é uma guerreira né, e deve ser respeitada, não só pela gente que é quilombola, mas acho que até mesmo quem está de fora [os não quilombolas] pela sua história de luta né [...]. (Sallomão Israel Chaves Borges, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 88)

Para a quilombola Ludimila, fotógrafa, estudante, que faz parte do conselho de juventude quilombola, Dona Juscelina é um exemplo de mulher negra e de resistência cultural:

> [...] Uma pessoa extraordinária, que traz em si uma bagagem enorme de saberes, uma sabedoria sem igual, é uma pessoa assim que quando eu falo só me vem na cabeça ela porque não há pessoa igual a ela na comunidade, não há pessoa igual a ela no mundo. É uma pessoa corajosa, que traz em si uma resistência, uma vontade de viver, uma vontade de ajudar, uma vontade de lutar, ela não teme a nada, então é praticamente um exemplo para nossas vidas. Eu trato ela como uma mãe, como uma avó, trato ela como parte da família porque eu considero ela como família, considero ela como uma mãe [...] Além de ser uma grande líder, uma grande quilombola, ela repassa para os quilombolas, ela repassa uma força, uma coragem, uma vontade de resistir e de estar ali, de lutar e de ir à luta, então a Dona Juscelina pra mim ela é uma grande líder, uma grande pessoa, é uma mãe pra mim [...]. (Ludimila Carvalho dos Santos, 2018, entrevista cedida a Santos, 2018, p. 87)

Figura 2 – Mapa da trajetória socioespacial de migração de Dona Juscelina (1951-1962)



Fonte: IBGE 2017 ; IBGE 2010; IBGE 1958.

Dona Juscelina se mostra querida por todos em Muricilândia, uma mulher forte, respeitada nas comunidades próximas, que sempre se junta à comunidade na luta por direitos também sempre acompanham o 13 de Maio. Nas falas dos quilombolas, ela é definida como guerreira, como uma mulher que não se intimida, que "arregaça as mangas" expressão brasileira muito comum, que quer dizer uma pessoa que "vai lá e faz". Mesmo sem muita escolaridade, conduziu um povo culturalmente e agiu fortemente na política. As falas de respeito e admiração à dona Juscelina mostram a construção de uma vivencia comunitária por várias décadas.

Mas Dona Juscelina, antes de ser/estar em Muricilândia, teve um percurso geo-gráfico que culminou nessa identidade cultural, nas afetividades e nos saberes socio-territoriais, espaciais, simbólicos, afetivo. Os deslocamentos das pessoas demonstram o seu repertório de lugares, Ratts (2001), nos escreve que "[...] a mobilidade territorial dos 'antigos' parecia ser intensa no que diz respeito aos tipos de movimentação: 'migração de trabalho' e 'deslocamentos rituais'". (Ratts, 2001, p. 57)

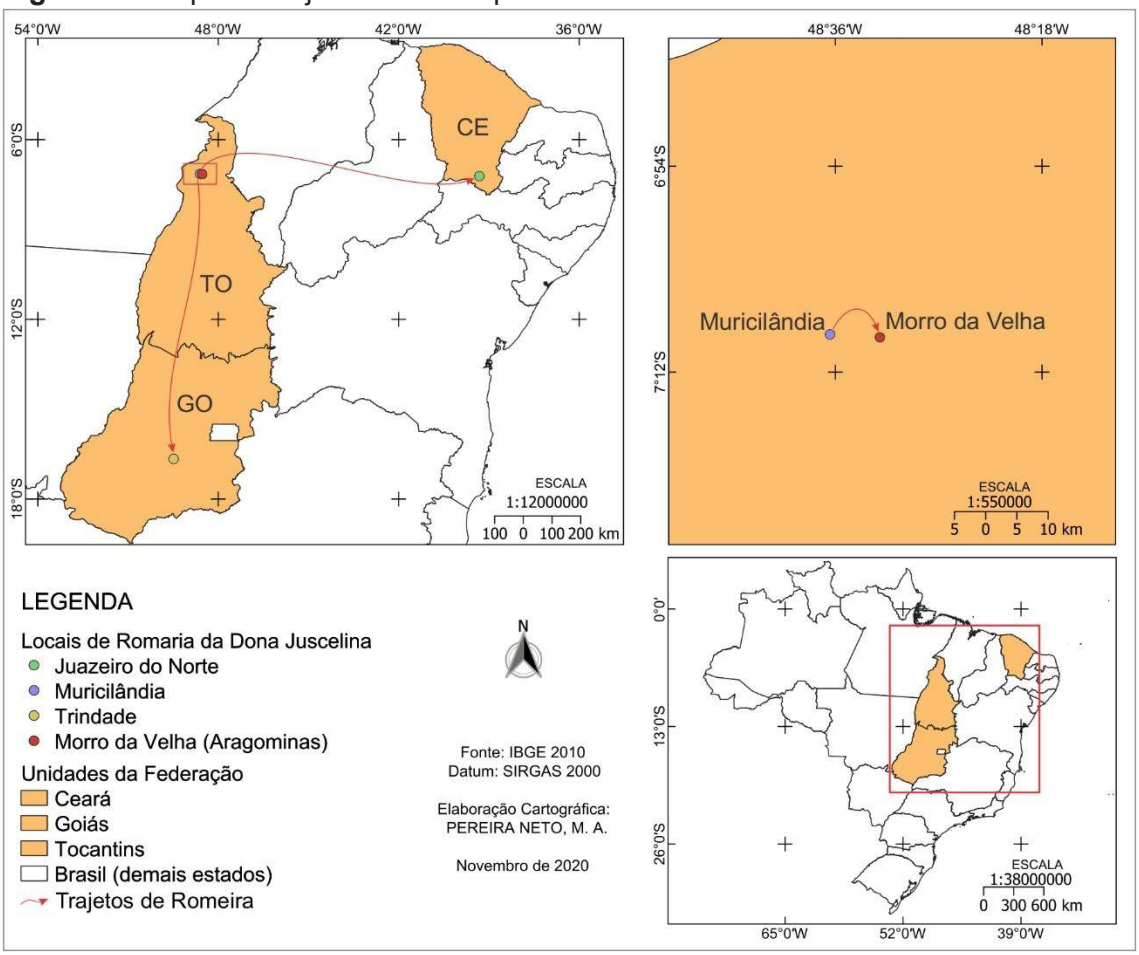
Acredito, que a trajetória de Dona Juscelina e de sua família tenha se dado por uma conjunção desses dois tipos de mobilidade. Tanto a mudança da família Gomes dos Santos em 1951, de Nova Iorque, no Maranhão, para a cidade vizinha de Pastos Bons, no mesmo estado, e em 1955, quando se deslocam de Pastos Bons para Cristalândia, no então estado de Goiás atualmente Tocantins. (Figura 2)

A Figura 2 retrata a trajetória de migração de Dona Juscelina, essa é uma importante mobilidade em sua experiência vivida e nos lugares, mas também é necessário retratar a trajetória de romaria da Dona Juscelina, como já colocado aqui, ela se denomina romeira do Padre Cícero, do Divino Pai Eterno e, que já esteve nos locais de romaria, como em Juazeiro do Norte no estado do Ceará, e em Trindade em Goiás. (Figura 3)

Importante também ressaltar que, comumente, Dona Juscelina encontrava-se no morro em Aragominas, por ser um lugar simbólico para os romeiros do Padre Cícero no norte do Tocantins. Não temos acesso às datas e aos detalhes da trajetória de suas romarias, uma vez que devido à pandemia do Coronavírus realizei contato com Dona Juscelina.

O mapa da trajetória de Dona Juscelina, traz consigo as marcas culturais, costumes e as crenças, um arcabouço cultural, que é construído ao logo de sua trajetória pelos espaços vivenciados. Ao adentrar o território em Muricilândia, ele se choca com as outras culturas e ali se percebe o lugar de encontro, onde se expressa nas mais diversas formas de resistência, a exemplo do 13 de Maio.

Figura 3 – Mapa da trajetória socioespacial de romaria de Dona Juscelina



Fonte: IBGE, 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que as representações da transcrição falada e escrita, de imprimir as palavras e sentimentos dos quilombolas tenha deixado passar algo, buscamos ao máximo explicitar o que nos foi dito, utilizamos de fragmentos de falas, para compor as mobilidades, esses deslocamentos não são lineares e consequentemente suas falas também não. Deste modo, selecionamos as falas que mais fossem representativas para os objetivos da pesquisa, especialmente, a partir da importância da perspectiva abordada para a pesquisa geográfica: a espacialização das densas trajetórias de dona Juscelina.

Nesta pesquisa, não se tem e não se pode ter um fim, não há um esgotamento da pesquisa. Também, não podemos negar, que alguns tiveram um espaço maior em suas falas, como também nossa escuta se mostrou mais atenta em certos assuntos.

Dona Juscelina, traz consigo as marcas culturais, costumes e as crenças, um arcabouço cultural que é construído ao logo de sua trajetória pelos espaços vivenciados. Ao adentrar o território em Muricilândia, ele se defronta com as outras culturas e ali se percebemos o lugar de encontro, onde se expressa as mais diversas formas de resistência, a exemplo do 13 de Maio.

A trajetória de Dona Juscelina, desde sua saída de sua cidade natal, Nova Iorque no estado do Maranhão, para a cidade vizinha Pastos Bons e posteriormente para o estado de Goiás e sua chegada em Muricilândia. Dona Juscelina tem em suas trajetórias essa marca cultural entregue pelo seu Tio, que é a Festa do 13 de Maio. A chegada dela em Muricilândia, na década de 1960, é um marco de ruptura com todos os padrões da época, ela traz essa cultura da festa do 13 de Maio, a qual ela e a comunidade concebem como cultura negra.

Observamos e cartografamos, os lugares a partir dos repertórios narrados, lidos e assistidos, os quais foram apropriados, vividos, lembrados e sentidos por Dona Juscelina. Esse repertório de lugares, citando Ratts (2001), se relacionam num "território étnico" e forma um conjunto que se diferencia dos demais territórios.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J. Le territoire enchanté, **Géographie et cultures [En ligne],** v. 3, n.1992, 30 novembre 2018. DOI: 10.4000/gc.6918.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território [Voyage autour du territoire]. *In:* CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro/RJ: EdUERJ, vol. II, 2002. p. 279-304.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, Colher, Comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1981.

CIRQUEIRA, D. M. **Entre o corpo e a teoria**: a questão étnicoracial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos. Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2010.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro/RJ: EdUERJ, vol. II, 2002.

COSTA, M. A. *et al*. **Migrações interestaduais no Brasil, 1950/80**: Textos para Discussão Interna (TD) 144. Brasília/DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 1988. 55 p.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. [L'homme et la terre : nature de la réalité géographique – 1952]. Tradução de Werther Holzer. São Paulo/SP: Perspectiva, 2015.

FREIRE, A. F.. **Cultura e território em foco**: uma abordagem interdisciplinar. Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2020.

FURTADO, G.da C. **Trajetórias socioespaciais de estudantes quilombolas de Cedro e Buracão**: Desafios e Perspectivas Educacionais em quilombos no Sudoeste Goiano. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2011.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A Tradição Viva. *In:* KI-ZERBO, J. (org.) **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. Brasília/DF: Unesco, 2010. Cap. 8. p. 167-212.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XV – Maranhão. Rio de Janeiro/RJ: IBGE, 1958.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça**: Pretos e Pardos. Rio de Janeiro/RJ: IBGE, 2010. Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça: Pretos e Pardos. Escala 1:5 000 000.

KI-ZERBO, J. (org.) **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. Brasília/DF: Unesco, 2010.

LIMA FILHO, J. O.; CARDOSO, L. C. M.; PACHECO, L. M.. Dança do Lindô: uma tradição transmitida do Leste para o sul do maranhão. **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.** Maceió/AL: 2011. p. 1-11.

MACHADO, C. E. Revisitando os altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa. **Primeiros Estudos**, *[S. l.]*, n. 2, p. 144-165, 2012. DOI: 10.11606/issn.2237-2423.v0i2p144-165

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo/SP: Perspectiva, 2014

OLIVEIRA, I. da S. de. **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Orientador: Prof. Dr. Elias da Silva. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, Araguaína/TO, 2018.

PEREIRA NETO, M. A. **Territórios e trajetórias socioespaciais da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – Tocantins**. Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts. 2021. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2021.

RATTS, A. J. P. **O mundo é grande e a nação também**: identidade e mobilidade em territórios negros. Orientador: Prof. Dr. Kabengele Munanga. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo /SP, 2001.

RATTS, A. J. P. Uma geo-grafia de estudos e pesquisas com as diferenças étnicas, raciais e territoriais. *In:* FREIRE, A. F.. **Cultura e território em foco**: uma abordagem interdisciplinar. Porto Alegre/RS: Editora Fi, 2020. Cap. 15. p. 222-237.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In:* MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo/SP: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

RUSSO, S. M. de T. ARTEFATOS DA FÉ. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, *[S. l.]*, v. 40, 2011.

SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. **Espaço e Luta no Pico do Papagaio**. 248 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SANTANA, T. M. P. de. **Os negros cristãos católicos e os cultos aos santos na Bahia colonial**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001, 174 f.

SANTOS, K. da S. **Do passado ao presente**: a festa 13 de maio da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. Orientador: Prof.ª Dr. ª Kênia Gonçalves Costa. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, Araguaína/TO, 2018.

SANTOS, M. F. dos. **Movimento negro e relações raciais no espaço acadêmico**: trajetórias

RATTS, A. J. P. **O mundo é grande e a nação também**: identidade e mobilidade em territórios negros. Orientador: Prof. Dr. Kabengele Munanga. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Humana) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo /SP, 2001.

socioespaciais de estudantes negros e negras na Universidade Federal de Goiás. Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2016.

SANTOS, M. F. dos; RATTS, A.J. P. Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas. **Educere et Educare**. n 20. Cascavel/PR. 2015. p. 641-652

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo/SP: Contexto, 2019.

SOUZA, E. da S. **Protagonistas de sua história**: territorialidades femininas da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. Orientador: Prof.ª Dr. ª Marciléia Oliveira Bispo. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG da Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional/TO, 2021.

TEIXEIRA, J. P. **Paisagens e territórios religiosos afro-brasileiros no espaço urbano**: terreiros de candomblé em Goiânia. Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, 2009.

SOBRE OS AUTORES

MARCOS ANTONIO PEREIRA NETO – Possui mestrado em geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) (2021), graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) (2018). Atualmente está doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem interesses na área de Geografia, com ênfase em mobilidade, deslocamentos, Relações Étnico-raciais, atuando principalmente nos seguintes temas: Migração, Trajetórias Socioespaciais, Estudantes Quilombolas, Quilombos, Bandeiras Verdes, Romeiros e Norte do Estado do Tocantins.

E-mail: marcos.neto@discente.ufg.br

ALEX RATTS – Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1988), mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1996), doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2001), com estágio pós-doutoral em Geografia na Universidade Federal do Ceará (2015). Professor na Universidade Federal de Goiás nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e de pós-graduação em Antropologia. Coordenador do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (LaGENTE/IESA/UFG). Trabalha com as questões étnicas, raciais, de gênero e sexualidade em perspectiva interseccional e, também, com a obra e a trajetória de intelectuais negres. Integrante do conselho consultivo da Casa Sueli Carneiro. Poeta e militante negro e lgbtqia+.

E-mail: alex.ratts@gmail.com